

## Janelas do olhar<sup>1</sup>

(Revista digital produzida pelos alunos de Jornalismo Cultural da ECO-UFRJ)

Roberta Camargo<sup>2</sup>

Fátima Corrêa<sup>3</sup>

João Ker<sup>4</sup>

Júlia Ferreira<sup>5</sup>

Lívia Muniz<sup>6</sup>

Suzana Devulsky<sup>7</sup>

Marialva Carlos Barbosa<sup>8</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

## RESUMO

“Janelas do Olhar”, produzida pelos alunos de Jornalismo Cultural da Escola de Comunicação da UFRJ, é uma revista digital sobre temas relacionados a diversos tipos de manifestações culturais: desde as artes plásticas, passando pelo teatro e chegando às novas plataformas digitais de entretenimento. A revista é resultado do trabalho dos alunos da disciplina Jornalismo Cultural, desenvolvida na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

**PALAVRAS-CHAVE:** visualidades; olhar; revista; digital.

## 1 INTRODUÇÃO

A produção da revista digital “Janelas do Olhar” obedeceu a critérios que relacionam teoria e prática como um conjunto. Assim, a proposta destinada aos alunos da disciplina Jornalismo Cultural baseou-se no pressuposto de que os regimes de visualidade (BARBOSA, 2013) são característicos das épocas e que cada época produz maneiras e sentidos específicos de ver o mundo. Paralelamente, as visualidades do mundo se transformam em “Janelas do Olhar” fixando no tempo as perspectivas das dinâmicas

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Revista Digital

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo da Escola de Comunicação da UFRJ, email: [roberta-c.m@hotmail.com](mailto:roberta-c.m@hotmail.com).

<sup>3</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo da ECO-UFRJ

<sup>4</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo da ECO-UFRJ email: [j-ker@hotmail.com](mailto:j-ker@hotmail.com)

<sup>5</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo da ECO-UFRJ email: [jubasfer@gmail.com](mailto:jubasfer@gmail.com)

<sup>6</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo da ECO-UFRJ email: [liviemuniz@gmail.com](mailto:liviemuniz@gmail.com)

<sup>7</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da ECO-UFRJ email: [suzanadevulsky@gmail.com](mailto:suzanadevulsky@gmail.com)

<sup>8</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação (Jornalismo) da ECO-UFRJ email: [marialva153@gmail.com](mailto:marialva153@gmail.com)

culturais presentes nas escolhas visuais que são realizadas e na forma como se olha o mundo.

Foi a partir dessa proposta teórica que a revista foi concebida. Além disso, como se trata de um produto laboratorial de uma disciplina, no caso Jornalismo Cultural, era preciso, para construir a proposta editorial, refletir sobre o que se consideraria como cultura e, na sequência, jornalismo cultural.

Ainda que o produto final reproduza aspectos dominantes da concepção de jornalismo cultural – destacando assuntos das tradicionais manifestações culturais, como artes plásticas e teatro – há um ensaio para ampliar a concepção dos temas do jornalismo cultural, incluindo outras práticas do mundo contemporâneo, como as plataformas digitais.

Para a realização do produto, a turma de Jornalismo Cultural foi dividida em grupos de editores, subeditores, repórteres (que como é corriqueiro no jornalismo hoje, também foram os fotógrafos e produtores de vídeo), que fizeram toda a produção da revista, desde a elaboração da pauta até a produção da reportagem e edição final.

Os editores se encarregaram de pensar o produto para a plataforma digital e, ao mesmo tempo, dar uma unidade editorial. Além de três editores gerais (Fátima Corrêa, Roberta Camargo e João Ker), havia especificamente editores de imagens e outros produtos imagéticos (vídeos, montagem de galerias de imagens, etc.), editores digitais (que ajudaram a pensar o desenvolvimento da plataforma). Todas as fases de produção da revista foram acompanhadas apenas pelos alunos. O professor, só no dia da apresentação do produto, tomou conhecimento da revista. Assim, a liberdade criadora e o encontro de soluções no caminho da produção jornalística puderam ser exercitadas pelos alunos.

O produto final está disponível no domínio [www.janelasdoolhar.com](http://www.janelasdoolhar.com)

## **2 OBJETIVO**

O objetivo da produção de Janelas do Olhar não se limita a construção de uma revista digital para veiculação em plataforma online. Houve a preocupação do desenvolvimento teórico do conceito que deu nome a revista – o olhar produzido a partir de janelas que mudam em função das épocas, produzindo regimes de visualidades e historicidades próprios (HARTOG, 2014) -, como também da reflexão em torno do que seria a cultura e, sobretudo, de que ideia de cultura o jornalismo cultural se apropria.

Inicialmente pensou-se a ampliação e o próprio desenvolvimento do conceito de cultura, a construção e a transformação histórica do termo, e a sua inclusão numa outra

plataforma de reflexão. Cultura como modos de vida, tal como concebeu Raymond Williams (2000), norteou a primeira reflexão, antes mesmo de se começar a pensar na produção de um jornalismo que se define como cultural.

A descrição que abre o livro **Cultura and Society** (1958) de Raymond Williams funcionou como seta para a ampliação da percepção de cultura como um trabalho humano de muitas dimensões.

O ponto do ônibus era em frente à catedral. Eu tinha ido ver o Mapa Mundi, com seus rios saindo do paraíso, e a biblioteca acorrentada. Um grupo de religiosos conseguiu entrar sem problemas, mas eu tive que esperar uma hora e bajular o sacristão antes de conseguir entrar e dar uma espiada nas correntes. Agora, do outro lado da rua, um cartaz de cinema anunciava o *Six-Five Special* e um desenho animado das *Viagens de Gulliver*. O ônibus chegou, o motorista e a cobradora totalmente absortos um no outro. Saímos da cidade, passando pela ponte velha e seguimos em frente, passando pelos pomares e pastos pelos campos com a terra vermelha sob o arado. Mas adiante estavam os vales estreitos: o laminador de aço, o gasômetro, os socalcos acimentados, as bocas das minas. O ônibus parou e o motorista e a cobradora desceram, ainda absortos. Eles já tinham feito esse caminho tantas vezes, e percorrido todos seus estágios. Trata-se, de fato, de uma viagem que, de um modo ou de outro, todos nós já fizemos (WILLIAMS, 1958, p. 9).

O mesmo autor, em **Marxismo e Literatura** (1979), mostra como o conceito foi sendo construído e como se chegou a cultura como classificação geral das artes, religião e instituições e práticas de significados e valores (p. 21). Para ele, ao final do século XVIII quando cultura adquire o sentido de “desenvolvimento íntimo”, distinto de “desenvolvimento externo” (ou seja, sua distinção em relação à civilização), passou-se a associar cultura com religião, arte, família e vida pessoal.

Assim, a definição de cultura parece alternar entre a ideia de espírito formador (e aqui está a concepção que coloca em lados distintos a cultura erudita e a popular, por exemplo) e a de cultura vivida, determinada por processos sociais. Isso faz com que a definição de cultura oscile entre uma dimensão global e outra parcial.

Baseando-se na tradição dos antropólogos interpretativos, como Clifford Geertz (1989), pode-se destacar na questão as significações das ações humanas e não tão somente as materializações. Ou seja, símbolos, tradições, maneiras de ver e expressar o mundo (as significações) pelos quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem suas atitudes perante a vida (BARBOSA, 2007).

Pensar a questão cultural é também considerar a multiplicidade de vozes que se materializam em práticas, ou seja, a percepção de que há no interior das múltiplas significações vozes dialógicas (BAKHTIN, 1997). M. Bakhtin ao propor a questão do

diálogo (dialogismo), destaca igualmente uma problemática fundamental para os estudos envolvendo a questão cultural: a da circularidade cultural, ou seja, o fato de haver trocas recíprocas de natureza cultural na sociedade (1987). De tal forma, não há dicotomia entre a pretensa alta cultura e a baixa cultura, ou cultura popular. Há sempre culturas e trocas recíprocas expressando diálogos no mundo cultural.

O segundo objetivo da produção era refletir sobre o que seria o jornalismo cultural, quais as suas especificidades, como é considerada a questão da cultura nos cadernos culturais e em outras mídias que se nomeiam como cultural. A partir de uma série de reflexões procurou-se propor como um dos objetivos uma revista que procurasse ampliar tanto a concepção de cultura nela incluída, como pudesse ser divulgada no mundo digital.

O terceiro objetivo era tentar construir a revista dentro das tramas visuais do mundo contemporâneo. Janelas do Olhar é assim metáfora e materialidade. Metáfora, porque através dos processos jornalísticos revela formas de ver o mundo (visualidades do século XXI), materialidade porque se inscreve nas práticas jornalísticas e tenta dialogar com produções do mundo digital.

### **3 JUSTIFICATIVA**

Assim, a justificativa para o desenvolvimento do trabalho não se limita ao exercício de uma prática jornalística, aquela desenvolvida nas diversas plataformas do jornalismo cultural. A produção da revista digital justificava-se também pela possibilidade de exercitar uma prática jornalística a partir de uma reflexão específica sobre a questão cultural e sobre os modelos de jornalismo em transformação no mundo contemporâneo.

Partiu-se da ideia chave de que a concepção dominante de jornalismo cultural presente tanto nos cadernos culturais, como em outros veículos de comunicação tradicionais são dependentes da noção de cultura que existe no senso comum (ainda hoje a alta cultura ou cultura erudita). Entretanto, essa percepção não dá conta da complexidade do mundo hoje.

Em linhas gerais podemos dizer que o jornalismo cultural praticado na imprensa diária (ou seja nos cadernos de cultura ou segundos cadernos) destaca o consumo e a celebração de personagens do mundo midiático; produzindo um jornalismo de serviços e de celebridades. Mesmo sendo dividido em dois grandes gêneros – o opinativo, com a crônica e crítica, por exemplo, e o informativo, com as notícias e grandes reportagens -, os cadernos

culturais continuam sendo caracterizados por um misto de informação, serviço, guia e roteiro. Merece também destaque a importância que ainda é dada à produção da televisão.

Na caracterização em que fez sobre esses cadernos, Sérgio Luiz Gadini (2006) fala ainda da existência de marcas estruturais que “tipificam as editorias de cultura”. Acrescenta ainda que esses produtos, normalmente em formato *standard*, tem em média 6 e 12 páginas e apresentam uma estrutura editorial formada basicamente por (1) matérias jornalísticas (2) crítica cultural (3) coluna social (4) serviço e roteiro (5) programação ou guia de TV e (6) variedades.

Há que se referir também ao formato desse jornalismo, ainda que as diferenças editoriais devam ser consideradas em termos dos diversos produtos jornalísticos. De maneira geral, podemos dizer que matérias com viés predominantemente interpretativo caracterizam o padrão discursivo desse jornalismo. Mesclam reportagens com a análise cultural (crítica, por exemplo) e ligam essa dimensão com o caráter da informação (fato que provocou a narrativa). Adotam a perspectiva de que estão apresentando um “serviço” ao usuário/consumidor. Na maioria dos casos não há o lide tradicional, mas “abres”, no jargão jornalístico a forma abreviada de aberturas que são articuladas com o gancho factual informativo. Há que se destacar também que do ponto de vista da linguagem, a grande reportagem cultural, por exemplo, produz uma espécie de tempo perene. A temporalidade do jornalismo cultural está submetida a outros critérios que, algumas vezes, não pressupõe a lógica de aceleração exacerbada do tempo do mundo contemporâneo (BARBOSA, 2007).

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Do ponto de vista da metodologia utilizada, a principal questão suposta foi a de se articular a teoria e a prática, concebendo o produto como resultado não apenas da percepção do que seria o jornalismo cultural, mas também que sua produção (e o resultado final) estaria relacionada com as formas de olhar como visualidades do mundo.

Assim, inicialmente procedeu-se a uma reflexão teórica em três direções: primeiro para compreender a densidade conceitual e a abrangência de enfoques teóricos em torno do conceito de cultura; posteriormente procurou-se perceber como o jornalismo cultural se construiu historicamente no Brasil e, ao mesmo tempo, a partir de autores que se dedicam a estudar a questão (Gadini, Alzamora, Faro e Piza, entre outros) caracterizar grosso modo as principais manifestações do jornalismo cultural hoje. Nessa etapa, analisou-se diversas produções digitais (blogs, revistas on-line e, sobretudo, novos formatos), para perceber

regularidades editoriais e criações possíveis a partir de possibilidades das ferramentas digitais.

A etapa seguinte foi então construída em duas direções. Enquanto um grupo de alunos saiu em campo para produzir as matérias a partir das pautas elaboradas por eles e aprovadas pelos editores, os alunos-editores discutiam aspectos editoriais do produto.

Com as matérias concluídas, foi a vez dos editores de imagens solicitarem novos materiais para compor visualmente o produto.

A partir do instante em que tudo estava produzido, iniciaram a tarefa de corrigir texto, reescrever trechos, etc. A etapa seguinte foi a edição final do produto, momento em que foi fundamental a atuação do editor digital.

Procurou-se também exercitar como metodologia, entendida aqui como ferramenta de execução (embora se saiba que metodologia é mais do que isso), a procura de formatos, estratégias editoriais e construção de uma plataforma digital que fosse agradável aos olhos do leitor.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Janelas do Olhar, portanto, é uma revista digital que aborda temas do que amplamente pode ser considerada a dimensão cultural. Dividida em Home, Quem Somos, Reportagens, Equipe e Contato, apresenta em sua primeira página – a de apresentação – uma vinheta-imagem que se relaciona ao título da publicação. Em seguida, ao lado do Editorial, são apresentadas as chamadas para as reportagens (A Praça do Choro, Rap da resistência, Resistir é preciso, Grupo Teatro Novo, The Book of Mormon, Gentili em The Noite, Atuação e entrega e Controle nas mãos). Cada chamada é acompanhada de uma imagem que possui um crédito visível a passagem do mouse. As reportagens além de fotografias também reproduzem vídeos produzidos pelos alunos ou por outros autores (ver por exemplo [www.janelasdoolhar.com/apracadochoro](http://www.janelasdoolhar.com/apracadochoro)). Cada reportagem tem links para a anterior e a próxima. Essa mesma dinâmica se encontra em várias reportagens (ver também [www.janelasdoolhar.com/rapderesistencia](http://www.janelasdoolhar.com/rapderesistencia)). Todas as reportagens foram realizadas em grupo e procurou-se incluir diversos tipos de possibilidades narrativas do jornalismo (entrevistas, críticas, matérias sobre temas factuais, grandes reportagens de caráter mais perene, etc.). As ilustrações (fotografias e vídeos) foram feitas tendo em conta a estrutura narrativa dos textos e para serem textos dentro de um outro texto e não meramente ilustrações.

Complementa a publicação outras informações sobre a equipe (apresentada com fotos dos editores). Clicando em cada uma delas abre diretamente o link para o email do editor. E por último a página Contato que abre a possibilidade de enviar um email diretamente para a revista (janelasdoohar@gmail.com).

## 6 CONSIDERAÇÕES

Na era digital o jornalismo cultural encontraria espaço para a sua legitimação e o que pauta o jornalismo cultural na contemporaneidade? Essas duas questões foram chaves para a reflexão sobre o produto, condição indispensável para se pensar as práticas.

Ainda que possa ser observado o dinamismo do jornalismo cultural, com a proliferação de títulos nas bancas de jornais e com a multiplicação das experiências no espaço online, há que se procurar novas linguagens e, sobretudo, incluir uma percepção de jornalismo cultural que ultrapasse a velha distinção entre erudito e popular. Há que se pensar na cultura como vida e, nesse sentido, ampliar o leque de temas que dizem respeito ao chamado jornalismo cultural.

Por outro lado, diante das transformações que a era digital produz – com o predomínio do som e da imagem como forma de perceber o mundo – com as mudanças nas práticas de leituras, tudo isso afeta e impacta o jornalismo cultural. Se no passado a sua produção era resultado da ação de um autor reconhecido, hoje a própria noção de autor se modifica. Todos somos potenciais autores no ambiente possível da vida digital.

Perceber o jornalismo cultural na sua estreita relação com as correntes de pensamento de uma época, com a estética, as normatizações é experimentar novos territórios e incluir novos jornalismo. Os formatos impressos migram para o digital, há formatos já concebidos para os suportes digitais. O jornalismo cultural do século XXI se equilibra entre velhos e novos formatos e incluiu a cultura do compartilhamento. A ideia de partilha das práticas, dos processos e dos autores é central na produção jornalística. Janelas do Olhar procurou fazer isso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALZAMORA, G., SEGURA, A. e GOLIN, Cida. **O que é jornalismo cultural**. São Paulo: Itaú Cultural, 2009, p. 70-80.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: HUCITEC, 1987.

- BAKTHIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BARBOSA, Marialva. **Percursos do olhar**. Niterói: EDUFF, 2007.
- FARO, J. S. **Apontamentos sobre jornalismo e cultura**. Buqui Livros Digitais.
- GADINI, Sérgio. Grandes estruturas editoriais dos cadernos culturais. In: **Revista Fronteiras** – estudos mediáticos, VIII (2), p. 233-240, set/dez 2006.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade**. Presentismo e experiência do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014
- PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2011.
- WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society**. Londres: The Hogarth Press, 1958
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.